O Mossad inventou a trama

Itamarati acusa o serviço secreto de Israel de ter montado a novela da bomba iraquiana

A deteriorização das relações diplomáticas entre o Brasil e Israel chegou ontem ao seu ponto máximo e espera-se até, um rompimento, caso não surja uma retratação formal por parte do governo israelense, diretamente envolvido na denúncia sobre a venda de urânio do Brasil para o Iraque desde que seu serviço secreto, o "Mossad" confirmou a suposta operação ao correspondente do Jornal do Brasil, em Telavive.

— O fato do serviço secreto de um país disseminar calúnias contra outro país é extremamente grave — declarou o porta-voz do Itamarati, Bernardo Pericás, ao advertir o governo israelense de que esse episódio poderá "ter reflexos negativos sobre as relações entre o Brasil e Israel". Pericás, porém, não forneceu detalhes sobre o tipo de "reflexos negativos" que adviram do comportamento do governo de Israel, tampouco estabeleceu o prazo que o governo brasileiro gastará para concluir o exame sobre a disseminação de notícias falsas a respeito da suposta venda de urânio ao Iraque.

O Palácio do Planalto que na semana passada, já havia dado por encerrado o caso da venda de urânio, divulgou ontem uma declaração da Agência Internacional de Energia Atômica, onde procura tornar clara a impossibilidade do Brasil ter vendido urânio.

— Infelizmente, a prova negativa é sempre mais difícil — desabafou ontem, o porta-voz Carlos Átila aos jornalistas no Palácio do Planalto. "Você pode provar que uma pessoa fez alguma coisa. Agora, provar que não fez é muito mais difícil".

CALÚNIAS

O embaixador de Israel em Brasília, Shaul Ramati, por sua vez, convocou a imprensa ontem à noite, para declarar que considera "ridícula" a informação do correspondente do Jornal do Brasil em Telavive. Ramati inocentou o serviço secreto de Israel, preferindo classificar as notícias de "calúnias".

— O Brasil não faz política externa baseada nas notícias dos Jornais — comentou o embaixador, mostrando-se surpreso com a declaração do porta-voz diplomático, prevendo "reflexos negativos sobre as relações Brasil e Israel".

O embaixador enfatizou o ponto alto das relações do seu país com o Brasil, classificando-as de "amigáveis" e esclareceu que "a preocupação de Israel é com o Iraque, nunca o Brasil".

Shaul Ramati relatou que na semana passada, quando o jornal "O Estado de São Paulo" publicou as primeiras denúncias sobre a venda de urânio natural para o Iraque construir sua bomba atômica, esteve no Itamarati e aceitou do secretário-geral João Clemente Baena e outros altos funcionários a afirmação de que o Brasil jamais forneceu urânio a qualquer país ou tecnologia nuclear ao Iraque. Por isso o embaixador se sente à vontade em indagar "qual poderia ser o interesse do serviço secreto israelense divulgar calúnias contra o Brasil?".

Foi o próprio embaixador Shaul Ramati quem encontrou explicação para o anunciado vazamento na área do Mossad, explicando que o correspondente do Jornal do Brasil em seu país, Mario Chimanovitch, é uma figura problemática, dizendo que esta não é a primeira vez que ele (o jornalista) cria intrigas entre o Brasil e Israel.

NOTA DA AIEA

O Palácio do Planalto divulgou ontem o texto em inglês e português da nota à imprensa distribuída no último dia 12 pelo diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), Sigvard Eklund. A nota afasta a possibilidade de qualquer país produzir plutônio fora do controle da AIEA.

O secretário de imprensa, Carlos Átila, disse que o governo recebeu a íntegra pela manhã e resolveu divulgá-la por considerá-la muito importante para esclarecimentos a respeito de um suposto contrabando de material nuclear para o Iraque. Átila disse que a nota, que transcreveu relatório feito pelo diretor-geral da AIEA à Junta de Governadores, demosnstrando que "é virtualmente impossível produzir material nuclear fora do controle da agência".

A nota é a seguinte:

"A tarefa da Agência na implementação de salvaguardas consiste em verificar que nenhum material nuclear sob salvaguarda seja desviado de fins pacíficos. Em um reator de pesquisa do tipo Osiris isso significa, em primeiro lugar, assegurar que os elementos combustíveis fornecidos do exterior sejam verificados à chegada e que daquele momento em diante se mantenha conhecimento ininterrupto de sua localização e integridade. As medidas básicas usadas para esse fim são a contagem, a identificaçãtenção e vigilância dos itens. O projeto das instalações e dos elementos combustíveis é feito de forma a assegurar que o desvio de elementos combustíveis seria detectado com muita alta probabilida A segunda possibilidade de desvio numa instalação do tipo Osiris se baseia na produção não-declarada de plutônio. Como os elementos combustíveis consistem em urânio altamente enriquecido, somente quantidades muito pequenas de plutônio podem ser produzidas nelas. Maiores quantidades, talvez até mesmo algo da ordem de uma quantidade siginificativa por ano, somente poderiam ser produzidas se o núcleo do reator fosse rodeado de uma camada de elementos férteis feito de urânio natural ou empobrecido. O tamanho e a localização dessa camada seriam tais que uma inspeção visual comum revelaria sua presença. A produção do plutônio em elementos férteis localizados sob o reator é praticamente impossível pois o núcleo é colocado sobre espessa de concreto, a qual, por sua vez, é forrada com uma pesada chapa de aço. Ambas proporcionam proteção para possibilitar a execução dos trabalhos de manutenção nos mecanismos de controle dos tubos que contêm os elementos combustíveis, tubos esses situados em uma abóbada debaixo do reator.

A existência de instalações subterrâneas não-declaradas não tem qualquer influência na capacidade de detecção das inspeções da AIEA em reatores do tipo Osiris. Na piscina transparente de um reator desse tipo a ausência de elementos combustíveis ou a presença de elementos férteis, não-declarados, para a produção de plutônio, seria facilmente detectada.

Em conclusão, em um reator desse tipo, o desvio de mentos combustíveis, ou de plutônio não-declarado, produzido lentamente, não pode ser tecnicamente excluído, mas seria detectado com muito alta bilidade.

É preciso, naturalmente, ter em mente que não compete à AIEA revistar instalações que não contenham material sob salvaguarda".

Deixem-me terminar acentuado que a presença de um grande número de técnicos do país que forne reator poderia também esperar-se prover alguma segurança.